

**A Casa Velha como espaço de memória:
a musealização no espaço rural**

DOI: 10.2436/20.8070.01.69

Susana de Araújo Gastal

Doutora em Comunicação pela
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
Professora da Universidade de Caxias do Sul, Brasil.
E-mail: susanagastal@gmail.com

Ana Maria Costa Beber

Doutora em Desenvolvimento Rural pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico para
Estágio de Pós-Doutorado em Turismo pela Universidade Caxias do Sul, Brasil.
E-mail: galaxia_ana@hotmail.com

Viviane Rocha

Bacharela em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul, Brasil.
E-mail: duda@dudarocho.com.br

Resumo

Este artigo tem como propósito discutir a presença de museus, quer se deem como espaços museológicos ou mesmo lugares de memória, no contexto do que vem sendo tratada como as multifuncionalidade e pluriatividades associadas ao rural. Entre elas, coloca-se o turismo e, na abordagem aqui proposta, o patrimônio, como vetores de desenvolvimento local econômico, social e cultural. Consideram-se (a) as mudanças no âmbito da Pós-modernidade em termos de trato com a memória, a cultura e o patrimônio; (b) o relato de experiência associada à museologização de uma propriedade - a “Casa Velha” – herança do legado da imigração itálica no município de Ijuí, no Rio Grande do Sul. Metodologicamente utilizou-se de revisão bibliográfica, para discutir os conceitos <pós-modernidade>, <neoruralidade> e <patrimônio>, e entrevistas para registrar o contexto de criação e implantação de um espaço museológico em área rural, resultando em depoimentos de nove membros da família ligada à Casa Velha, que ainda residem no local. Como resultados, encaminha-se o reforço à importância de se considerar valores memorialísticos afetivos e simbólicos presentes no patrimônio

material e imaterial, tanto em termos de espaço arquitetônico como de objetos e processos a eles associados, como sua inserção nas pluriatividades demandadas e consagradas em neoruralidades, na sua contribuição ao desenvolvimento local, no caso em estudo, em médio prazo.

Palavras-chave: Turismo rural, Pluriatividades, Patrimônio, Museu, Casa Velha, Ijuí-RS, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

As autorias deste artigo têm trabalhado com questões relacionadas às novas contingências impostas pela globalização econômica e política sobre o social e o cultural, tanto urbano como rural. Em termos urbanos, a expansão e hegemonia da cidade mesmo sobre os espaços rurais, consagra o que Argan (1992, p. 222) afirma ao dizer que “para lá da cidade ainda é cidade”. Em termos de percepções, os cidadãos vêm o campo com nostalgia, como significativo de pureza e autenticidade, levando a expressões e relações tidas como mais profundas e verdadeiras, mas também como depositário de memórias associadas aos seus modos de ser e fazer, motivando a que localidades que assim se colocam no imaginário coletivo, sejam destinos turísticos privilegiados.

Convém destacar, ainda, que ao contrário do que consagra o senso comum, o passado não é um tempo e um conceito acabado ou a-histórico, e muito menos uma vivência sensível coerente. Gastal (2006), trata-o conceitualmente como histórico e historicamente construído, uma construção cujo sentido muda ao longo do tempo, mas também de sociedade para sociedade, tornando-se dependente de ações públicas e privadas que deem voz e narrativa ao passado, quer por razões políticas, quer por razões afetivo-memorialísticas, mas, em ambos os casos, com repercussões sobre as identidades pessoais e coletivas.

Os museus colocavam-se tradicionalmente como espaços de negociação de memórias, característica ainda demandada pelas comunidades, mas hoje em parte apagada nos espaços urbanos, onde a espetacularização e a comercialização do passado destacam-se. Questiona-se se, em espaços rurais, essas demandas comunitárias ainda estariam presentes, a considerar-se que no Brasil, hoje, haveria mais museus (presentes em praticamente todas as cidades) do que salas de cinema, na atualidade ausentes na maioria das cidades pequenas e médias. Entretanto, revisão nas bases de dados, mostram que o tema <museu> associado ao tema <rural> ainda é escassamente tratado em termos acadêmicos, mas que os estudos presentes o associam diretamente ao turismo (CARVALHO, 2012; ANICO, 2005; CÂNDIDO, 1998).

Nestes termos, o artigo tem como propósito discutir a presença de museus, quer se deem como espaços museológicos ou mesmo lugares de memória, no contexto das pluriatividades e multifuncionalidades associadas ao rural. Entre elas, coloca-se o turismo e, na abordagem aqui proposta, o patrimônio, como vetores de desenvolvimento local econômico, social e cultural. Para o que segue, inicia-se por discorrer sobre (a) as mudanças no âmbito da Pós-modernidade em termos de trato com a memória, a cultura e o patrimônio, para a seguir, (b) relatar experiência associada à museologização de uma propriedade, a “Casa Velha”, prédio associado ao legado da imigração itálica na área rural do município de Ijuí, no Rio Grande do Sul.

Metodologicamente utilizou-se de revisão bibliográfica para discutir os termos <pós-modernidade>, <neoruralidade> e <patrimônio>, e entrevistas para registrar o contexto de criação e implantação de um espaço museológico em área rural, resultando em depoimentos de nove¹ membros da família ligados à Casa Velha, que ainda residem no local, realizadas entre maio e outubro de 2017. Considerou-se, especialmente, o recomendado pela História Oral, no viés das histórias de vida, que sobrepõe à pesquisa documental ou mesmo à revisão bibliográfica, as narrativas² dos sujeitos partícipes dos processos em estudo. Segundo Haguette (1997), nos processos sociais, econômicos e culturais sempre há participantes cuja contribuição é imprescindível à sua plena compreensão.

Embora hoje o rendimento financeiro dos sujeitos pesquisados não mais esteja vinculado a propriedade em estudo, três filhos (do total de nove) de Avelino e Thereza que ainda estão vivos permanecem residindo no lugar, fato que contribui com o que Candau (2016), identifica como uma memória forte. Por não haver ruptura com o território de origem, a memória, gênese da personalidade do indivíduo, faz emergir o sentimento de continuidade temporal. Não se pode recordar um acontecimento passado sem que o futuro desse passado seja integrado à lembrança, ou seja, a memória junta características do presente à lembrança, transformando-a. A memória é mutável, evolutiva, modelável, daí alimentando o já citado que coloca as narrativas temporais como históricas e historicamente construídas, pois se esquece ou lembra de acordo com escolhas íntimas ou coletivas, em geral não conscientes.

2 SOB A PÓS-MODERNIDADE: PATRIMÔNIO E RURALIDADE

Para entendimento da discussão aqui proposta, inicia-se por destacar que a pós-modernidade expande a noção de cultura, compreendendo-a na sua dimensão de mobilidade, hibridismo e, tanto territorialmente centrada, como desterritorializada. Há alargamentos espaciais, pois não só o eurocêntrico ou o urbano estão vistos e respeitados como expressão cultural; temporais, pois não só o ‘muito velho’ é reconhecido, mas também expressões vernáculas; e conceituais, decorrentes das duas anteriores. Outros alargamentos do conceito incluem a noção de patrimônio, com maior relevância da dimensão imaterial e dos ambientes rurais e vernaculares, valorização do contexto paisagístico, maior aproximação ao conceito de cidadania, democratização de acesso, empoderamento de sujeitos locais, inserção em redes que ultrapassem ao lugar, como propostas presentes em documentos da Unesco, Icomos, IPHAN [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional] e, mais recentemente, do IBRAM [Instituto Brasileiro e Museus] (Carvalho, 2012). Esta “maior plasticidade temporal e espacial (uma vez que seus elementos matriciais configuram escalas, tipologias e contextos diversos) e um incontornável nomadismo científico” (p. 51), ou seja, um maior comprometimento acadêmico no seu estudo ou mesmo de inserção pragmática, como no caso da Casa Velha, a seguir relatado.

¹ Tratam-se de Tulio [93 anos], Hugo Lino [88 anos], Igino [83 anos], Tarcisio [80 anos] e sua esposa, Gema [76 anos] e; de quatro descendentes, Mauro [53 anos], Martiniano [51 anos], Arno [48 anos], e Larissa [15 anos], usando nomes reais, por autorização e escolha dos depoentes. Os depoimentos, em um total de 15 horas, foram gravados e degravados e deles foram elencadas as narrativas destacadas neste artigo.

² Destaca-se que as narrativas são aqui entendidas a partir de Candau (2016), como parte da totalidade das lembranças.

O patrimônio, por sua vez, antes centrado no histórico, ganha tratamento como *cultural* (GASTAL, 2006; ANICO, 2005). O conceito de museu privilegiava, em termos tradicionais,

“(…) a quantidade de peças em exposição; os objetos representativos da elite local e de suas possibilidades de consumo de distintivos sociais — como pianos, liteiras, louças europeias; e, como se pode constatar em etiquetas remanescentes ou nos jornais, o personalismo que insistia nas relações dos objetos com figuras de destaque” Cândido (1998, p. 44).

Atualmente, os acervos são vistos como processos abertos aos quais “novas informações podem sempre ser acrescidas, permitem pensar, como futuro desdobramento, na formação de um banco de dados com o objetivo de alimentar iniciativas no museu tais como exposições, ações educativas e projetos de pesquisa” (Idem, p. 48). Com tais pressupostos, o museu também precisa incluir, como o patrimônio em geral, a dimensão material e imaterial dos processos e dos ambientes rurais, históricos e contemporâneos, incluir a paisagem no seu entorno, envolver a participação das pessoas para alavancar a cidadania, democratizando o acesso de visitação e na formação de acervo, dialogando não apenas com o local, mas também se inserindo em redes de diálogo com estabelecimentos congêneres em outros lugares.

Centrando no rural, tais espaços não ficam imunes ao desenho da(s) globalização(ões). A mecanização da agricultura, entre outros, leva a industrialização do campo e ao seu esvaziamento demográfico. Garantir a manutenção e sustentabilidade de médias e pequenas propriedades, para que se evite o êxodo rural, implica a promoção de ações associadas à multifuncionalidades (COSTA BEBER e MENASCHE, 2016).

Em termos históricos, o Brasil rural passa por mudanças expressivas no século XX. Até a década de 1950 a agricultura, pecuária e policultura se destacavam, especialmente, no Rio Grande do Sul. Tem-se, na Revolução Verde um modelo de desenvolvimento rural, apoiado por políticas públicas que inserem como princípios a difusão de novas sementes voltadas as monoculturas, como trigo, milho e soja, o uso de novas tecnologias no plantio e colheita, tais como a mecanização do campo através do trator, arado, colheitadeira, plantadeira, insumos industriais, fertilizantes e agrotóxicos. Este modelo levou em muitos casos, uma mudança nos modos de vida de agricultores, em que a policultura deixa de ser a base da produção com venda de pequenos excedentes e passa a integrar o modelo de agricultura global.

Neste contexto, a pluriatividade [em muitos casos uma alternativa ao modelo instaurado] se destaca e tem nas atividades não-agrícolas, constitutivas dos modos de vida rurais, um novo conjunto de funções relacionadas à conservação e preservação ambiental, o turismo, o lazer, a moradia, oportunizando um outro modelo de desenvolvimento rural. Nesta mesma perspectiva, tem-se na multifuncionalidade a noção de ruptura com o modelo setorial e o reconhecimento do rural não somente enquanto dimensão produtiva. Carneiro e Maluf (2003), a interpretam como ampliação das funções sociais atribuídas à agricultura que passa a ser entendida como responsável pela conservação dos recursos de patrimônio natural e pela qualidade dos alimentos.

A concepção de Carvalho (2012, p. 51), como *pós-agrícola*, supõem a integração do patrimônio em processos de desenvolvimento “econômico, social e cultural dos territórios e das populações, revela uma tipologia ampla e complexa de estratégias de intervenção, que inclui lazeres turísticos, designadamente o turismo cultural e

ecológico, [...] os museus e os parques temáticos, os eventos culturais, os estatutos de proteção e classificação dos lugares [...]”. O autor acrescenta que a dimensão “patrimonial no rural atende valores como memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade” (p.50), não só dos bens, mas de seu contexto social e ecológico. Entre o patrimônio rural, estariam as igrejas, as capelas, os caminhos (ferroviários, rodoviários, fluviais, e mesmo pedestres), as estações férreas, as pontes³ e pontilhões, os engenhos e alambiques, as taipas, os muros, os poteiros, os celeiros, as minas (ativas ou inativas), os sítios arqueológicos, as adegas e, em termos domésticos, ferramentas, objetos de cozinha e vestuários, entre outros. “O resgate de bens do anonimato, do abandono e do desconhecimento, é também condição para criar patrimônio, e assim os museus são guardiões e, ao mesmo tempo, geradores de patrimônio” (p. 61).

Na experiência portuguesa, em termos de patrimônio rural, Carvalho (2012, p. 54) destaca as Aldeias Históricas, estimuladas no âmbito do projeto LEADER⁴, entre outras associadas “com as áreas de cultura e turismo que permitiram a concretização de inúmeros projetos museológicos rurais (ou em meio rural)”. O autor destaca o Museu do Pão (Seia), processo iniciado em 1996 e aberto ao público em 2002, que demandou seis anos em seu processo museológico. Sua importância hoje, é econômica, pelo grande número de visitantes, mas também memorialística e identitária, pois a maior dos visitantes (97%) é composta por portugueses.

Atualmente, a cultura ultrapassou a condição de expressão social e auto expressão criativa. Os objetos e seus contextos materiais e imateriais, na perspectiva de memória e identidade, tornam-se um importante segmento econômico. Isso não seria diferente no rural, onde, o patrimônio associado as pluriatividades das propriedades rurais, entre elas o turismo, e neste viés, a presente introdução de museus por iniciativas pessoais (individuais ou familiares) ou coletivas, com vistas ao desenvolvimento dos territórios e das populações locais. As intervenções patrimonialísticas e na reflexão aqui proposta, museológicas, apresentam-se “sob diferentes pretextos: requalificação e revitalização territorial, melhoria das condições e qualidade de vida das populações, reconstrução de memória e identidade [...] e integração dos lugares na esfera dos lazeres turísticos [...]” (CARVALHO, 2012, p. 50).

3 CASA VELHA – UM MUSEU NO ESPAÇO RURAL

A narrativa em torno da Casa Velha está ancorada na memória de seus protagonistas, compreendida como “ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada”. Há uma dialética da memória e identidade que se conjugam, nutrindo e apoiando-se uma na outra, produzindo uma trajetória de vida, “uma história, um mito, uma narrativa” (Candau, 2016. p.16).

Ao compreender a Casa Velha e suas narrativas como espaço de memória e patrimônio por meio da musealização, busca-se em Santana e Prats (2005), a afirmativa

³ Recomenda-se o belo filme “As pontes de Madison” (1995), com direção de Clint Eastwood, que tornou essas obras de arte do Iowa, Estados Unidos, como importante atrativo turístico (ver: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjkk7zzyKXXAhUJfpAKHbi_CQ4QtwIIOzAC&url=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3DLzrJq03Akz8&usq=AOvVaw2LvGsxWEOrah9OIrtUNgBf).

⁴ Leader I, Leader II e Leader+, são parte dos programas de desenvolvimento rural financiados pelo Fundo Agrícola para o Desenvolvimento Rural (FEADER) em Portugal.

que o patrimônio não é passado, mas sim história, sendo tudo aquilo que julgamos – ainda que por motivos utilitários – digno de ser conservado. Os autores enfatizam o discurso, a mediação entre o domínio social e o simbolicamente construído, no tempo e espaço, em uma perspectiva histórica, articulando identidade e memória como elementos geradores da abordagem do patrimônio.

O lugar de pesquisa e os sujeitos são compreendidos como uma comunidade étnica que tem como origem o espaço rural, que é aqui pautado a partir de Figueiredo (2011), como plural, resultante de processos históricos de mudança característicos de cada lugar. Wanderley (2009) interpreta o meio rural como lugar de relações específicas, construídas, reproduzidas e redefinidas conforme seu espaço singular de vida. O campo é socialmente construído pelos seus habitantes a partir das relações estabelecidas nos laços de parentesco e de vizinhança, demarcando a vida cotidiana e os ritmos da vida familiar. Estas coletividades são depositárias de uma cultura associada ao território, o que levaria a um forte sentimento de pertencimento, integrando espaços sociais. Considera-se, também, o rural como lugar de vivências, construção de modos de vida identitários em relação com os sujeitos de fora, de modo geral, antepondo mentalidades marcadas por ruralidades a outras, pautadas na urbanidade (COSTA BEBER, GASTAL e MENASCHE, 2016).

É neste cenário que há a construção de uma narrativa das memórias de sujeitos com descendência itálica a partir de seu patrimônio “Casa Velha”, compreendido como espaço de memória materializado por meio do processo de musealização em que se encontra. Entende-se que no objeto em narrativa, a Casa Velha, há um sentimento de pertencimento simbólico e identificação com as histórias ali vividas, com as lembranças e com os modos de vida. Trata-se de uma casa com memória que narra a etnohistória de sujeitos com descendência itálica, vindos para o sul do Brasil, no contexto das migrações europeias para América do Sul e, especialmente, para o Brasil no século XIX, que na transposição territorial vivenciaram um novo ecossistema natural e cultural no qual figuraram outros hábitos em termos de línguas, dialetos, comércio, produção agrícola, ofícios e padrões arquitetônicos de construção. Essas alterações – migrações e hibridizações – marcam-se em objetos que a necessidade, associada a engenhosidade, produziram.

Avelino [filho de imigrantes italianos] e Thereza [nascida em Pieve di Soligo, província de Treviso, Vêneto, Itália] migram da Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, juntamente com os quatro filhos, Julia, Lino, Virgílio e Túlio, para o interior de Ijuí, onde atualmente fica a cidade de Bozano, no noroeste do Rio Grande do Sul, e constroem uma localidade que passam a nomear de Rincão dos Costa Beber. Dois irmãos de Avelino viviam na localidade, Serafin casado com Teresa e Justino casado com Libera [irmã de Thereza], e tiveram papel fundamental na adaptação da família ao novo território, inclusive dando abrigo até a construção da casa familiar. Na década de 1930, outro irmão de Avelino, João casado com Pierina, migra e traz consigo o patriarca da família, Pedro e sua esposa Catarina Morgental Costa Beber. As terras foram herança de Pedro [que trabalhou como agrimensor na cidade de Ijuí e as comprou por terem preço menor que na Quarta Colônia e pela qualidade para plantio]. Neste período, todos os filhos de Pedro passam a viver na comunidade de Santa Lúcia, onde o Rincão está inserido.

A família pode ser interpretada a partir de Seyferth (2015), como uma “comunidade étnica” que tem em sua narrativa a importância na crença subjetiva na origem comum e ao ideal de vida compartilhada fundamentada na semelhança de

hábitos e costumes. Ainda, as diferenças de hábitos e costumes podem fundamentar a crença numa honra própria, a honra étnica, criando sentimentos de comunalidade que subsistem ao longo do tempo.

A Casa Velha não foi um espaço planejado para ser um museu, foi construída com o propósito de ser o lar, o espaço de morada e vivência, de construção de uma família, de valores, de modos de vida, compondo uma narrativa cultural que denota processos rurais em contexto de migração itálica. Os elementos que a compõe refletem a memória forte, descrita por Candau (2016), como “uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõem a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar lá tal memória é maior quando o grupo é menor” (p. 44).

Ela ocupa lugar de destaque na formação do Rincão. É o primeiro lar de Avelino e Thereza e nele a família cresce com o nascimento de outros filhos: Hugo, Lina, Gema Augusta, Igino e Tarcisio. Nesta casa, acontece também a morte do primogênito do casal, Lino [com nove anos em função de apendicite]. A propriedade testemunha casamentos, nascimentos e nela a família se reproduz e vive até a década de 1970. Neste período, a Casa Velha acolhe 14 pessoas, enquanto duas novas moradias, de Hugo e Túlio são construídas em seu entorno. No mesmo território ainda seria construída a Serraria [1930], a fábrica de cachaça [1951], a Igrejinha do Mato [1940] e, uma piscina com churrasqueira e mesas [em meio ao mato] que será o lugar de encontro para os almoços de domingo entre a família.

Na década de 1980, há a construção de mais duas residências para os familiares de Roque [filho de Tulio] e Tarcisio, totalizando um conjunto de seis casas, com galpões, galinheiros, hortas, pomares, parreiral, estrebarias, entre outras, ressalta-se que as novas casas não mais utilizaram a madeira como material principal na construção, elas passam a ser de alvenaria. Há substituição da piscina construída nos anos de 1970 por uma nova em meio as casas [1986] dando maior acessibilidade para uso e a ela é agregado um quiosque com churrasqueira e infraestrutura para receber 80 pessoas. Este espaço ocupa lugar de centralidade em termos de encontro familiar, pois é nele que se realizam almoços todos os domingos, no Natal, na Páscoa e nas festas de aniversário.

Até os anos de 1950, a família tinha uma área de 75 hectares, sendo 50 hectares de área de mato e 25 ha de área de plantio, a atividade principal em termos econômicos era trigo, milho, fumo e alfafa comercializados na cidade de Cruz Alta, diretamente para o quartel. O fumo era vendido em corda. Na década de 1950 até início dos anos de 1970, passaram a produzir cachaça, com média de 60 mil litros/ano com a cana de açúcar produzida na propriedade.

A família, com a incorporação do modelo da Revolução Verde, na década de 1950, adquire dois tratores com arado e duas colheitadeiras. Neste processo, também incorpora o adubo e o calcário, insumos comprados diretamente do Ministério da Agricultura, que aumentaram a capacidade de produção e melhoria da qualidade das terras, que teve como consequência o aumento na produção das culturas, na época, de trigo e milho. Pode-se verificar que este período marca o início da mecanização do campo com incentivos e um modelo adotado pelo Governo Federal. Este período que vai até final da década de 1970, teve o poder público como articulador de praticamente todos os aspectos da política agrícola. O trigo era a principal cultura, seguido da cana de açúcar responsável pela produção da cachaça. As primeiras sementes de soja são doadas por um padre que havia trazido a semente dos EUA, as mesmas foram plantadas na

horta, é na década de 1960 que a cultura se torna importante no modelo de produção rural global, caminhando para o que hoje se chama de agronegócio.

O aumento da produção permitiu crescimento da renda e, como consequência, a compra de uma quantidade importante de terras, tanto na localidade, como em outros municípios, com destaque Palmeira das Missões, Cruz Alta, Santo Augusto e Condor. Em 1975, a família tinha acumulava área total de 1060 hectares. Um dado importante para esta análise é o processo turístico que a família inicia, motivados por conhecer a agricultura norte americana mecanizada e tecnológica, tanto em termos de equipamentos como de tratamentos de solo, sementes e manejo das cultivares de soja e milho. Na década de 1996 a família alcança a área de 3600 hectares de terra e deixa de trabalhar em sociedade, ou seja, cada filho de Avelino passa a ter sua própria empresa rural, mantendo as características de agronegócio.

Na década de 1970 a Casa Velha é desocupada e passa a ser a morada de um único membro da família, Giuseppe [apresentado na sequência]. Mesmo com um morador, a casa passa a ser o local de depósito tanto dos objetos pertencentes a casa, como de outros em desuso nas outras residências. Ressalta-se que parte da mobília, louças, entre outros, foram retirados da residência. A manutenção da casa era restrita a “limpeza” e não havia organização dos objetos ali depositados. Mesmo assim, pode-se afirmar que a Casa se mantém como centralidade no Rincão, ali estão guardadas as lembranças da infância, dos pais, dos nonno e nonna, de uma época em que a família mantinha modos de vida distintos dos atuais. Ela está como um relicário, guardando as histórias e emoções, contudo, não se sabia exatamente como torná-la “eterna” nos termos dos depoentes. Ressalta-se, a importância e a preocupação que os filhos de Avelino e Thereza dão quanto ao futuro do Rincão e, esta iniciativa de musealização, foi uma forma de eternizar as histórias de vida da família, desde a Itália até a atualidade.

O processo de musealização inicia no ano de 2017, quando Tarcísio decide pela organização de um conjunto de ferramentas feitas com madeira e ferro, datadas desde 1912 a 1940, utilizadas na marcenaria e na agricultura, que foram produzidas e usadas por seu pai, Avelino. Além destes objetos, havia o desejo de (re)colocação do quarto que pertencia ao casal Avelino e Thereza, na Casa Velha, uma vez que o conjunto de cama, roupeiro, cômoda e, quadros de parede encontravam-se em bom estado de conservação, porém, em outra residência (a casa do filho Igino e sua esposa Almanir, onde Avelino e Thereza viveram até sua morte, em 1974 e 1977, respectivamente).

O processo iniciou pela fase de limpeza, pintura do chão e das paredes realizada em quatro semanas, contando com a ajuda de três funcionários além dos familiares Tarcísio, Tulio e Hugo Lino e de uma neta de Avelino. Nesta fase foram encontrados objetos relativos a alimentação, como duas panelas de ferro usadas para cozinhar feijão, polenta e uma chaleira de ferro da década de 1920, trazida da antiga morada. Também foram recuperados ferros para passar roupa à brasa, bacias e talheres confeccionados por Avelino. Ainda, quadros de parede, máquinas de costura, vitrolas, discos de vinil, cartas em italiano, fotografias, manuais em inglês [trator Ford de 1954, e de uma colheitadeira Case, 1956], lembranças de falecimento [com foto], livros religiosos [1912, pertencente ao pai de Avelino, Pedro], cadernos de escola e faculdade [1960 até os anos de 2000], convites de formatura e casamento, cartas de familiares e padres que viviam fora e no país, exemplares do jornal Correio do Povo e revistas religiosas [1960].

A ordenação das ferramentas em madeira e ferro, [um conjunto de mais de cem peças, todas produzidas por Avelino, entre 1912 a 1950], foi realizada por Tarcísio,

segundo seu entendimento de tempo [período de construção da peça] e função [marcenaria ou agricultura]. Nesta primeira etapa, as peças foram catalogadas, limpas e fixadas em um painel em madeira branco, confeccionado por Tarcísio.

O quarto [cama, roupeiro e bidês] do casal Avelino e Thereza passou por processo de limpeza e foi colocado no cômodo original. Este conjunto, dotado de importante representação simbólica, trouxe memórias que foram narradas pelos depoentes sobre a vida com os pais, a rotina da casa e os valores ali contidos.

Objetos pertencente a cozinha, [três balcões], foram resgatados de outra residência [de Igino, no Rincão], limpos e pintados de verde, cor escolhida por ser a original, segundo Tarcísio. O fogão à lenha, feito com madeira, ferro e barro foi reconstruído, assim como a pia [lava prato], os baldes em madeira e duas mesas, formando o conjunto da cozinha. Estes objetos foram confeccionados por Tarcísio, que aprendeu o ofício da carpintaria com o pai, Avelino. Na sala principal, haviam dois balcões originais que foram limpos e pintados. A mesa [onde eram realizadas as refeições em domingos e dias de receber visitas] foi construída por Tarcísio seguindo o modelo original.

Um dos quartos da residência mantinha os móveis originais do último morador da casa, Giuseppe Bertazon [imigrante italiano que veio ao Brasil no término da segunda Guerra Mundial], casado com Lina, filha de Avelino. Giuseppe, chamado de José, trabalhou na lavoura com os cunhados e ocupou a casa até o ano de 1996, quando se muda para Santa Maria, passa a viver com seus familiares e lá permanece até seu falecimento, em 1998. Este cômodo é composto por cama [feita por ele], aparelho televisão [tubo], roupeiro em madeira [1950], cômoda e bidê. Além de vitrola, vinis, rádio, fitas cassetes e cobertas de cama que incluem lençóis originais.

Outros materiais, como os impressos ou redigidos a mão, foram separados em caixas e organizados por categorias: cartas, cadernos, revistas, jornais, convites, fotografias, manuais, livros, roupas, malas, bolsas, sapatos, documentos (identidade, bloco de produtor). Estes, no momento não se encontram expostos na residência por exigirem cuidados em termos de restauro, tratamento, digitalização, arquivo fotográfico e catalogação para posterior análise, escolha, interpretação, modo e local de exposição.

Em relação ao entorno, o paisagismo do jardim segue o desenho original e foram utilizadas as folhagens, rosas, e outras flores da época de ocupação da casa. O piso externo foi mantido, bem como a parreira [80 anos].

Todos os objetos, aqui compreendidos a partir de Tedesco e Rossetto (2007), como “objetos da memória subjetiva e objetivamente, dependendo do contexto, dos grupos e significados em questão, possuem um poder evocativo, ao mesmo tempo em relação de reciprocidade” (p.48), estão em processo de organização para posterior catalogação e interpretação. Quanto à interpretação, a mesma baseia-se nas narrativas dos sujeitos pesquisados, em relação com a história de cada objeto, conforme apontam os autores, como “lembranças culturais, que servem a um grupo ou comunidade para radicar sua própria existência no passado e fortalecer, desse modo, a identidade presente (p. 77).

Identifica-se nas narrativas dos descendentes de Avelino e Thereza um processo de construção de memórias, tanto individuais quanto coletivas. Cada indivíduo conta por meio de sua própria interpretação lembranças de fatos que envolvem os outros indivíduos da família. Isto porque, a memória individual, enquanto metamemória (Candau, 2016), dá sentido as lembranças como uma representação enquanto a memória coletiva aponta para legitimidade do que foi experienciado. Nos relatos sobre uma mesma memória de família, contados individualmente, percebe-se as nuances do que é

lembrado, esquecido, inventado ou suprimido de acordo com o significante que cada entrevistado atribuiu ao fato.

Algumas memórias são pessoais e foram realmente vividas pelos sujeitos. Outras são reproduções das memórias de seus antepassados. Histórias que foram contadas e que seguem presentes nas narrativas dos entrevistados como forma de rememorar os feitos que os trouxeram até o presente. Uma forma de fazer com que os descendentes da Avelino e Thereza vivenciem e valorizem de alguma forma sua trajetória. Percebe-se, portanto, que a narrativa de certa forma é registrada e atualizada de acordo com a própria trajetória de vida do indivíduo que a recebe, pois este experimenta a lembrança do passado no seu tempo presente.

4 ENCAMINHAMENTOS PROVISÓRIOS

O artigo buscou discutir a presença de museus, quer se deem como espaços museológicos ou mesmo lugares de memória, no contexto das pluriatividades e multifuncionalidades associadas ao rural. Entre elas, coloca-se o turismo e, na abordagem aqui proposta, o patrimônio, como vetores de desenvolvimento local econômico, social e cultural. Como resultados, encaminha-se o reforço à importância de se considerar valores memorialísticos afetivos e simbólicos presentes no patrimônio material e imaterial, tanto em termos de espaço arquitetônico como de objetos e processos a eles associados, como sua inserção nas pluriatividades demandadas e consagradas em neoruralidades, na sua contribuição ao desenvolvimento local, no caso em estudo, em médio prazo.

A busca do registro dos objetos contidos na Casa Velha, bem como sua preservação e dos relatos dos depoentes sobre os modos de vida, o cotidiano, a alimentação, as vestimentas, os processos laborais voltados a agricultura e marcenaria, entre outros, contidos na propriedade rural em estudo, permite alargar o tempo da atividade para novos olhares, em especial o urbano. Esse espaço de memória, diante de sua musealização, pode se tornar um lugar de encontro e diálogo entre quem deseja conhecer as especificidades do mundo rural e aqueles que decidiram de alguma maneira contar sua história de forma autoral.

Configura-se mais do que um espaço de representação de memória material, como em geral, são entendidos os museus, em um ícone na preservação do patrimônio imaterial na dinamização da procura do conhecimento e dos saberes da comunidade. Do mobiliário aos utensílios de cozinha, dos objetos de decoração aos itens religiosos, dos documentos em italiano as ferramentas artesanais, da paisagem rural as lembranças orais, tudo se constitui em documentação importante na construção deste espaço memorialístico e patrimonial.

Considera-se também que o processo de musealização da Casa velha traz lembranças que são partilhadas no seio familiar e que encontram eco nos descendentes de italianos que fundaram e vivem na região. A dimensão patrimonial do rural se apresenta na Casa, nas construções, nas narrativas, nos objetos, na originalidade e, em especial, no contexto de (i)migração que se desloca desde a policultura, passando pela mecanização agrícola, uso de agrotóxicos (causou mortes na região, com o uso do DTT), até o modelo atual, do agronegócio e, de modo contrário ou complementar, à pluriatividade e multifuncionalidade no campo, que passa a ser visto como espaço patrimonial e não apenas como espaço produtivo. Mesmo que com contornos de patrimônio familiar, coloca em curso através das memórias a (re)construção de uma representação também

da memória coletiva quando retrata o contexto da imigração italiana na região de Ijuí, no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ANICO, M. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. *Horizontes antropológicos*, 11(23), 2005, 71-86. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010471832005000100005&script=sci_arttext&tlng=es

ARGAN, G. C. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BELIK, W.; PAULILO L. F. O financiamento da produção Agrícola Brasileira na década de 1990: ajustamento e seletividade. In.: Leite S. (org.) Políticas Públicas e Agricultura no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

CANDAU, J. Memória e Identidade. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CÂNDIDO, M. M. D. Capítulo 2 - Estudo de caso: a coleção de imaginária do Museu Diocesano Dom José; o Museu Dom José; a documentação do acervo do MDJ; leitura de imagens: o que podemos inferir a partir da análise de conjunto da coleção. *Cadernos de Sociomuseologia*, 12(12), 1998. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/319>

CARVALHO, P. Patrimônio e museus em contexto rural: dos lugares de memória aos territórios do lazer e do turismo. In Carvalho, P. (2012). Patrimônio e Museus em Contexto Rural: dos lugares de memória aos territórios do lazer e do turismo. In *Atas Oficiais del 6º Congreso Internacional Virtual sobre Turismo y Desarrollo*. <http://www.eumed.net/libros-gratis/2012b/1225/1225.zip#page=50>

CONTRERAS, J. Patrimônio e globalização: o caso das culturas alimentares. 129-145. In: Canesqui, A.M. & Gracia, R.W.D. (Org.). Antropologia e nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

COSTA BEBER, A. M.; GASTAL, S.; MENASCHE, R. Modos de vida em mudança e turismo rural nos Campos de Cima da Serra. *Revista Competência*, v. 9, n. 1, p. 135-151, 2016.

COSTA BEBER, A.M.; MENASCHE, R. A Dimensão Simbólica dos Objetos e os Modos de Vida Cotidianos da Pousada Fazenda do Amor. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 8(III), pp. 358-373, 2016.

GASTAL, S. *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GASTAL, S. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. *Turismo, investigação e crítica*. São Paulo: Contexto, 2002, 69-82.

GASTAL, S. Tiempos postmodernos: Posibilidades para el turismo. *Estudios y perspectivas en turismo*, 15(3), 2006. 270-282.

GONÇALVES, J.R.S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, 11(23), 15-36, 2005.

HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 224 p.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. *Estudos Avançados: USP, São Paulo*, v. 16, n. 44, p. 83-100, 2002.

POLLACK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212, 1992.

SANTANA, A.T. & PRATS, L.C. Reflexiones libérrimas sobre patrimonio, turismo y sus confusas relaciones. In: *Anais do Congresso de Antropología*, 10, 2005, Sevilla: Fundación El Monte, 2005.

SEYFERTH, G. "A colonização alemã em Santa Catarina: hábitos alimentares e etnicidade". En MENASCHE, Renata. (2015). *Saberes e Sabores da Colônia: a alimentação como abordagem para o estudo rural*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2015.

***The "Casa Velha" as memory space:
the musealization in the rural space***

Abstract

The purpose of this article is to discuss the presence of museums, whether as museological spaces or even places of memory, in the context of what is being treated as the multifunctionality and pluriabilities associated with the rural. Among them, it is the tourism and, in the approach proposed here, the heritage, how vectors of local economic, social and cultural development. The research considers (a) the changes regarding postmodernity in terms of dealing with memory, culture and heritage; (b) the experience reported about the museologization of a property - the "Casa Velha" - inheritance of the legacy of the Italic immigration in the municipality of Ijuí, Rio Grande do Sul. Methodologically, a bibliographical review was used to discuss the concepts <postmodernity>, <neorurality> and <patrimony>, and interviews to register the context of creation and implantation of a museum space in rural area, which resulted in testimony of nine members of the family linked to Old House, who still living in the place. As results, it is reinforced to the importance of considering affective and symbolic memorialistic values present in the material and immaterial patrimony, both in terms of architectural space and of objects and processes associated with them, such as their insertion in the pluriactivities demanded and enshrined in neoruralities, in its contribution to local development, in the case under study, in the medium term.

Keywords: *Rural tourism. Pluriactivities. Patrimony. Museum. Casa Velha. Ijuí-RS, Brazil.*

Artigo recebido em 29/07/2017. Aceito para publicação em 28/10/2017.